

Releituras e recordações: vinte anos de nossas revistas

María de la Concepción Piñero Valverde¹

Resumo: Por ocasião desta celebração do 20º aniversário e do nº 250 das revistas universitárias do Cemoroc, Centro de Estudos Medievais Oriente e Ocidente (Edf-Feusp), alojadas em www.hottopos.com, a Editora pediu a autores um artigo de retrospectiva de suas contribuições em nossas revistas, especialmente nos últimos anos. Neste artigo, a autora apresenta a “selfie” requisitada.

Palavras Chave: Cemoroc. revistas. 20º aniversário.

Abstract: To celebrate this twentieth anniversary of Cemoroc’s journals, the publisher has asked authors to write an article summarizing his/her studies published in these journals, especially in the latest years. In this article the author presents her Cemoroc “selfie”.

Keywords: Cemoroc. journals. 20th. anniversary.

Ao longo destes vinte anos das publicações do Centro de Estudos Medievais Oriente e Ocidente, muitas vezes o Prof. Jean Lauand teve a generosidade de me convidar a associar meu nome às publicações que criou. O convite agora se repete, quando nossas revistas chegam ao número 250, dando-me a ocasião preciosa de reler e recordar o que se escreveu em duas décadas de colaboração com tantos homens e mulheres unidos pelo empenho na pesquisa acadêmica, em ambiente de grande cordialidade. Releitura que se inicia, portanto, como agradecimento: é com gratidão que começo estas recordações.

Foi-nos sugerido preparar algo próximo do autorretrato, algo que corresponda talvez ao que a tecnologia de hoje vem chamando de “selfie”. Falar em retrato, como se sabe, é falar em ângulo de visão: cabe ao fotógrafo, para continuar a metáfora, escolher a cena, a distância, as luzes e as perspectivas. Por descuido seu, ou de propósito, ficam assim na penumbra ou mesmo fora do quadro outros muitos aspectos que poderiam dar à imagem feição diferente. Nesta retrospectiva, o ambiente em foco é o da atuação acadêmica na Universidade de São Paulo: lá surgiu o CemOrOc e lá tenho trabalhado ao longo destes anos, mesmo depois da aposentadoria, que não me interrompeu a participação em projetos de pesquisa. Dentro dessa atuação, porém, o enfoque é restrito às contribuições que tive a alegria de prestar ao CemOrOc. O retrato resultante, assim, não será tanto o da autora ou de cada texto em particular. Dentro da rica biblioteca formada por nossas revistas – que chegam, como sabemos, ao número 250 – poderia ver-se um cantinho de prateleira, onde se reuniriam as páginas modestas que pude oferecer às nossas publicações.

Se tivesse de propor uma indicação geral para o conteúdo desse cantinho imaginário, talvez pensasse em palavras como tentativas de diálogo entre culturas. Mais exatamente, tentativas de participar do diálogo entre as culturas brasileira e espanhola e de ajudar nossos jovens hispanistas a valorizar a perspectiva brasileira de sua formação. Dentro dessa indicação geral, a variedade do colorido das capas de nossas revistas parece combinar com a variedade de temas de que tenho tratado, quase sempre seguindo as grandes linhas que nortearam minha pesquisa acadêmica - estudo da literatura espanhola medieval e renascentista e relações culturais hispano-

¹. Professora titular aposentada de Literatura Espanhola na Universidade de São Paulo.

brasileiras. Relendo ao acaso alguns números, para melhor recordar os temas, noto que os textos estão escritos ora em espanhol, ora em português, as duas línguas principalmente dialogantes, neste caso. Noto que não faltou mesmo, desde cedo, a tímida tentativa de propor aos leitores de nossas revistas alguns subsídios para a futura tradução brasileira de uma obra-prima da Idade Média castelhana, o *Poema de Mio Cid*². A esta obra, aliás, já se havia dedicado minha tese de doutoramento, da qual surgiria, anos mais tarde, livro publicado pelo CemOrOc³.

Continuando a folhear nossas revistas, percebo que o diálogo entre duas línguas irmãs e suas culturas tornou-se para mim ainda mais concreto graças a uma figura de viajante e de escritor que tão bem as representa. Mais de uma vez me deparo, nos textos destes anos, com o nome de Juan Valera. É sabido que, muito antes de se tornar um dos mais notáveis romancistas espanhóis do século XIX, Valera esteve no Brasil, como secretário da Legação Espanhola, nos primeiros anos do governo pessoal de Pedro II. Ao evocar sua vida e obra em tese de livre-docência⁴, denominei “pioneiro” seu encontro com nosso país. Pioneiro e talvez ainda não devidamente reconhecido, se levarmos em conta que a ele se deve um dos primeiros, senão o primeiro absolutamente, dentre os estudos panorâmicos da nascente literatura brasileira. Foi o amigo Lauand quem me deu ocasião de trazer o tema às nossas publicações, graças à entrevista por ele organizada⁵. Nessa entrevista dizia eu que o trabalho análogo de Fernand Denis, justamente considerado precursor, trata, sim, da literatura do Brasil, mas a classifica ainda como apêndice das letras portuguesas. Valera, porém, “escribió un ensayo dedicado, exclusivamente, a la poesía brasileña”. Neste ensaio do escritor espanhol, *De la poesía del Brasil*, que tive o prazer de traduzir⁶, não só se repassa a formação de nossa poesia, dos tempos coloniais aos românticos, mas se antecipam tendências da crítica mais recente, ao captar, por exemplo, a promissora riqueza da contribuição que as tradições indígenas e africanas seriam no futuro chamadas a prestar às letras brasileiras.

Mais de uma vez, em nossas revistas, redescubro momentos desse “encontro pioneiro”, registrado no magnífico epistolário de Valera (hoje considerado dos mais importantes da literatura espanhola). A correspondência que o então jovem diplomata enviou do Rio de Janeiro ao amigo e também escritor Estébanez Calderón sabe traçar, com fino humorismo, retratos inesquecíveis da vida carioca na década de 1850. São cartas que convidam a passear pela capital do Império, como procurei recordar em páginas de nossas revistas⁷. Durante o percurso, veem-se circular pelas ruas e salões do Rio imperial figuras humanas conhecidas e anônimas, brasileiras e estrangeiras, que então gravitavam em torno da corte do jovem Pedro II. Uma delas era o hoje desconhecido Antonio Deodoro de Pascual. Sob o pseudônimo de Adadus Calpe (“nombre misterioso y sacramental”, comentava ironicamente Valera), esse espanhol adquiriu prestígio, como alguém dotado de “magnetismo”, dizia ele próprio, ou de poderes parapsicológicos, como talvez dissessem hoje⁸. O epistolário de Valera, por outro lado, assinala um dos momentos iniciais de sua reflexão sobre as raízes comuns

² “O *Poema de Mio Cid*: subsídios para uma tradução brasileira”, *Notandum*, Ano II, Nº 3, jan.-jun., 1999, p. 65-78.

³ *Poesia e fronteira no “Poema de Mio Cid”*, São Paulo, CemOrOc/EDF-FEUSP e Factash Editora, 2010.

⁴ María de la Concepción Piñero Valverde, “Don Juan Valera y Brasil: Un encuentro pionero”, tese de livre-docência USP, 1993), depois publicada com o mesmo título (Sevilla, Quíasyeditorial, 1995).

⁵ “Entrevista a María de la Concepción Piñero Valverde”, *Revista Internacional d’Humanitats*, Nº 2 (Part. II – continuação), 1999, p. 19-22.

⁶ Juan Valera, *A poesia do Brasil* (edição bilingue), Embajada de España e La Factoría de Ediciones, 1996.

⁷ “Cenas da Vida Carioca nas Cartas de Juan Valera”, *Mirandum*, Ano II, Nº 6, set.-dez., 1998, p. 85-90.

⁸ “Un mago español en el Brasil imperial”, *Notandum*, Ano I, Nº 2, jul.-dez., 1998, p. 73-80.

dos povos ibero-americanos. A certa altura, por exemplo, medita sobre sua vizinhança com a poderosa República do Norte. Olhando para os céus do Rio, o jovem diplomata pressentia que “el Aguila de la Unión [norteamericana] ha de tener su vuelo por todo este hemisferio”. Mais tarde, no fim da vida, Valera recriaria o Brasil em que vivera ao escrever o romance *Genio y figura*. De aspectos de sua reflexão iberista, à qual aludi na entrevista já lembrada, trataram ainda outras páginas de nossas revistas⁹.

Ainda que não explicitamente citado, a figura do futuro romancista espanhol atento à literatura brasileira provavelmente me incentivou a me aproximar dos lugares de diálogo entre escritores de ambos os países. Dessa aproximação nasceu pequeno estudo, acolhido em nossas revistas, sobre as marcas quixotescas de *Quincas Borba*¹⁰. O estudo, depois reunido a outros e publicado como livro¹¹, teve a honra de ser consultado pelo autor, prematuramente falecido, de uma das mais recentes biografias de Machado de Assis¹². Como testemunhas de meu esforço de aproximação aos escritores brasileiros releio também algumas anotações sobre Ariano Suassuna, admirador, como se sabe, dos clássicos de língua espanhola. Entre esses textos estão dois trabalhos, que depois de publicados em nossas revistas voltaram a aparecer em suas páginas, por ocasião do falecimento de Suassuna. Um desses trabalhos se voltava para a herança ibérica no *Romance da Pedra do Reino*¹³; outro propunha possíveis analogias entre o *Auto da Compadecida* e autores medievais como Gonzalo de Berceo¹⁴.

No diálogo entre nossos países, Valera pode também ser lembrado por intuições precursoras que vão além do campo literário e se estendem à música, por exemplo, ou a manifestações culturais como a “capoeira”. Animada talvez por seus passos, saindo do campo da literatura para o das artes plásticas e dirigindo-se desta vez ao leitor de língua espanhola, reencontro um artigo diferente entre os demais que ofereci às nossas revistas. Nele se rememoravam algumas das expressões mais características de nossa escultura popular: as chamadas “paulistinhas”, aqui tão conhecidas. Rer ler o que ficou escrito há quase quinze anos foi ocasião de uma pequena e agradável surpresa. Não me lembrava de que o artigo fazia ligeira referência à imagem de Aparecida, ao dizer “que presenta afinidades con las paulistinhas, aunque habitualmente no esté clasificada entre ellas”¹⁵. Os festejos do CemOrOc assim parecem convidar a pensar nas iminentes celebrações do terceiro centenário da imagem descoberta no rio Paraíba.

Ao folhear nossas revistas, observo também a frequência de páginas ligadas a pesquisas que fiz sobre o Renascimento espanhol, mais especificamente, sobre a obra literária dos grandes místicos. Mesmo aqui creio estar ao menos implícito o diálogo com a cultura brasileira. Basta pensar na atenção que esses místicos têm despertado entre nossos escritores, dos tempos coloniais aos dias de hoje, com nomes como Murilo Mendes, Adélia Prado e o já citado Ariano Suassuna. Ainda há pouco, em 2015, quinto centenário de nascimento de Teresa de Jesus, a Embaixada Espanhola

⁹ “Notas sobre o Brasil no Iberismo de Juan Valera”, *Notandum*, Ano V, Nº 9, 2002, p. 23-28.

¹⁰ “Notas sobre a loucura quixotesca em *Quincas Borba*”, *International Studies on Law and Education* – 2, 1999, p. 59-68.

¹¹ *‘Cosas de España’ em Machado de Assis e outros temas hispano-americanos*, Giordano, 2000.

¹² Citação da revista. O artigo foi citado por Daniel Piza, *Machado de Assis: um gênio brasileiro*, São Paulo, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005 (cfr. “Bibliografia”, p. 374).

¹³ “Raíces medievales de una novela de Ariano Suassuna: breves reflexiones”, *International Studies on Law and Education*, 13/14, Nº 13/14, jan.-abr./maio-ago., 2013, p. 99-104; *Convenit Internacional*, Nº 18 maio-agosto, 2015, p. 05-10.

¹⁴ “Ecos del marianismo medieval ibérico en un auto de Ariano Suassuna”, *International Studies on Law and Education*, Nº 15, set.-dez., 2013, p. 47-54; *Convenit Internacional*, Nº 17, janeiro-abril, 2015, p. 05-12.

¹⁵ “Al margen del barroco brasileño: Imágenes sacras populares en São Paulo”, *Videtur*, 21, 2003, p. 45-50.

patrocinou livro sobre sua presença no Brasil, obra de que tive a honra de participar, tratando justamente de sua recepção em nossas letras¹⁶. Devo às publicações do CemOrOc, por outro lado, precioso espaço na tentativa de intensificar o diálogo dos hispanistas brasileiros com a escritora Teresa. Releio agora a pequena introdução à sua obra literária, texto nascido de meu trabalho em sala de aula¹⁷. Voltei a Teresa, em nossas revistas, para esboçar ideias sobre um tema que vem despertando sempre maior interesse entre nós: a questão do feminino na literatura¹⁸. Novamente propus a nossos leitores sua figura, desta vez procurando chamar a atenção para seu possível título como escritora de ficção (um dos pontos que desenvolvi em aula a ela dedicada, em concurso para titularidade na USP)¹⁹. Também ao colaborador de Teresa e mestre da mística do século XVI, Juan de la Cruz, pude reservar algumas de nossas páginas. Foram considerações inspiradas por um grande romance contemporâneo, *El Pájaro Solitario*, em que o autor, Juan Goytisolo, nos põe diante do que seria uma obra perdida do grande místico e poeta²⁰. Essas considerações depois vieram a formar parte de livro, publicado pelo CemOrOc e dedicado a vários momentos do diálogo entre as culturas de língua portuguesa e espanhola. Este livro, além de Juan de la Cruz e do tantas vezes lembrado Valera, também trata da figura literária da rainha-santa, Isabel de Aragão, tal qual a recriou o grande romancista português Vitorino Nemésio. Mas quem dá o nome ao livro é Teresa de Jesus, de quem se ocupam dois estudos iniciais, um deles comemorativo do Quinto Centenário da América e dedicado à presença americana na vida e obra de Teresa²¹.

Recordar este livro traz à memória outro, que devo também ao CemOrOc e que organizei com a Prof^a María Guadalupe Pedrero-Sánchez²². Trata-se de uma coletânea de lembranças de mulheres espanholas radicadas no Brasil, todas empenhadas em trazer à memória a Espanha que conheceram na infância, em anos ainda marcados pela Guerra Civil Espanhola e pelo franquismo. Esta obra, que fez parte da série especial de livros da revista *Notandum*, apareceu, mais tarde, também em edição espanhola²³.

Mas folhear as páginas encerradas nas revistas coloridas deste “cantinho de prateleira” talvez me tenha feito esquecer que falar em “selfie” é falar em retrato rápido, instantâneo mesmo, ao passo que este já vai ficando mais próximo das fotografias antigas, de composição demorada. É tempo de concluir a releitura do que escrevi e de lançar o olhar para toda a vasta biblioteca, para reler páginas brilhantes de acadêmicos consagrados e queridos amigos. Amigos que espero reencontrar pessoalmente, para celebrar a alegria destes anos inesquecíveis de colaboração e convivência.

Recebido para publicação em 11-09-16; aceito em 05-10-16

¹⁶ *Santa Teresa de Ávila en Brasil* (edição bilingue), Embajada de España en Brasil, Rio de Janeiro, Secretaría General Técnica, 2015.

¹⁷ “Aproximação à obra literária de Santa Teresa de Jesus”, *Videtur-Letras* 5, 2002, p. 77-84.

¹⁸ “*Más que los letrados*: Reflexões sobre o feminino na criação literária de Teresa de Jesus”, *Videtur* 21, 2003, p. 5-9.

¹⁹ “*Hermoso y deleitoso castillo*: as *Moradas* de Teresa de Jesus”, *Mirandum*, Ano X, Nº 17, 2006, p. 5-16; este estudo apareceu também em espanhol: “Podéis entraros y pasearos: Teresa de Jesús y su castillo interior”, *Revista Internacional d’Humanitats*, Ano XII, Nº 15, jan.-abr., 2009, p. 23-34.

²⁰ “Metamorfoses Literárias de um *Pájaro Solitario*”, *Convenit Selecta-6*, 2001, p. 9-20.

²¹ *Memória e ficção: o Castelo de Teresa e outros temas ibero-americanos*, São Paulo, CemOrOc-EDF-FEUSP e Factash Editora, 2008.

²² María de la Concepción Piñero Valverde e María Guadalupe Pedrero-Sánchez (Orgs.), *Recordando no Brasil a Espanha de Ontem: Conversas Femininas*, São Paulo, CemOrOc-EDF-FEUSP e Editora Mandruvá, 2004 (Notandum Libro – 2).

²³ M^a Guadalupe Pedrero y Concha Piñero (Coords.), *Tejiendo recuerdos de la España de ayer*, Madrid, Narcea, 2006.